

No. S. 12667

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 138

Col. 18

A Alemanha e os Armenios

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

A Alemanha e os Armenios

Durante os ultimos tres anos a Alemanha tem mostrado um interesse profundo no bem estar da Irlanda. Está muito empenhada, segundo se diz, em ver aplicar aos irlandezes catolicos, com justiça e rigor, o principio da nacionalidade. Visto estarem os catolicos irlandezes divididos em partes iguais entre Sinn-Feiners e Home-Rulers e estar em perfeito desacordo o que reclamam os dois partidos, custa a compreender como se ha de aplicar esse principio. Porém pode-se pôr á prova doutra maneira a sinceridade da Alemanha. O que tem ela feito, o que propõe ela fazer em prol dos armenios? Na revolta de 1915, a Inglaterra tratou com uma doçura que não tem paralelo na historia os rebeldes irlandezes. A Turquia tem tratado os armenios, que não são tão perigosos nem tão turbulentos como os irlandezes, com uma ferocidade que tambem não tem paralelo pelo menos na historia moderna. Que tem feito a Alemanha, unica potencia que tem influencia na Turquia, a favor dos armenios?

O problema desse pequeno povo começou na

segunda metade do século XIX. Nos primeiros tempos medievais a sua posição geográfica expunha-a a repetidas devastações. Ficava entre a Europa e a Ásia; ao atravessá-la as hordas da Mongolia e da Arábia destruíram o outrora florescente reino da Arménia. Durante os três séculos a seguir os armenios sofreram debaixo do domínio turco uma tirania relativamente branda exercida pelos chefes feudais do Kurdistan. O povo, mahometano e cristão, toleravam-se uns aos outros. Nos princípios do século XIX, o sultão da Turquia derrubou o poder feudal dos chefes kurdos e o povo da Arménia gozou então dum período de relativa prosperidade, educação e ambição. Tão prósperos estavam os armenios que na segunda metade do século XIX, Constantinopla viu-se na presença do problema armenio.

Estará lembrado de que maneira Abdul-Hamid, quando subiu ao trono em 1876, encarou a situação. «A melhor maneira de solucionar o problema armenio, disse com cinismo, é de acabar com os armenios.» Foram chamados os kurdos e instigados contra os armenios. É neste ponto que entra em scena a Alemanha. O Tratado de Berlim de 1878 impunha ao sultão o dever de fazer reformas; porém Abdul-Hamid soube que a Alemanha não o obrigaria a obedecer a essa intimação; continuou portanto a lançar os kurdos de instintos brutais, contra as suas vítimas. A Inglaterra pediu com insistência ás outras potências europeias que interviessem no caso; porém Bismarck recusou e a desconfiança internacional impediu a Inglaterra de

empregar meios drasticos. Uma nuvem negra envolvia os vilayets da Armenia e esse povo oprimido e esbulhado sonhou em se livrar do jugo turco assim como tinham feito os gregos e os bulgaros. A luta resultou nos massacres horrendos de 1895 e 1896 em que morreram 120.000 armenios. Sobre estes factos não tinham decorrido dois anos quando o Kaiser visitou a Turquia e cobriu de lisonja e de protestos de amizade o sanguinario sultão Abdul-Hamid.

Ao começar a guerra actual existia no Imperio otomano pelo menos um milhão e meio de armenios; quando a Turquia entrou na guerra, caiu sobre os armenios uma tempestade que ultrapassou todos os horrores da guerra. A Turquia acusava os armenios de rebeldia e de conluio com os inimigos da Turquia. Um milhão de cadaveres de armenios estão corrompendo a atmosfera da Asia Menor: deles nunca poderemos conhecer a verdade; admitamos porém que houve, como na Irlanda, alguma perturbação da ordem ou mesmo rebelião. A este tempo estavam os Jovens Turcos de Constantinopla completamente sob o dominio dos alemães: é um dos factos mais nefandos da historia moderna ter esse governo alemão-turco de Constantinopla cometido um crime que faz esquecer os crimes de Abdul-Hamid. O sultão tinha arremessado com desfaçatez contra os armenios uma horda de kurdos ignorantes: o governo alemão-turco planeou com sangue frio um extermínio sistematico. O sultão satisfez-se com a matança de 120.000 armenios: os idealistas germano-turcos

aniquilaram um milhão de homens, mulheres e crianças. O sultão foi menos cruel, pois se serviu da arma do assassino: os germano-turcos protraíram durante semanas e mesmo mezes a morte de meio milhão das suas vítimas e deixaram que a fome e o tifo acabasse com aqueles que tinham sobrevivido aos horrores duma deportação brutal. Segundo as estatísticas dos emissários da Comissão de Socorros dadas no ano de 1916, já um milhão de armenios tinha morrido e 250.000 mulheres e crianças morriam nos imundos campos de concentração entre Aleppo e Der-el-Zer. Num campo tinham-se enterrado 60.000 e estavam a morrer a olhos vistos 50.000.

Em 11 de janeiro de 1916, pela honra da Alemanha, pediu Liebknecht informações no Reichstag sobre esses horrores e respondeu Herr von Sturm que o governo alemão estava em comunicação com a Turquia sobre o assunto. Porém não diminuiu em intensidade a onda de sangue. Seis mezes depois quatro membros do pessoal das missões alemãs na Turquia preveniram o Ministério dos Negocios Estrangeiros da Alemanha que o seu credito como missionarios cristãos ficaria de todo arruinado se a Alemanha não protestasse. A carta publicou-se em 17 de agosto no *Journal de Genève*. Esses missionarios confessavam terem visto 3.000 camponezas robustas da Armenia reduzirem-se a 40 ou 50 esqueletos animados, todos dementes. Nada se fez. Vagarosamente, numa angustia indescritivel, vai expirando o povo armenio. A re-

tirada dos russos foi o sinal para recrudescer a carnagem. A Alemanha poderia pelo menos poupar á Europa o espectáculo ridiculo da sua simpatia pela Irlanda cujo povo é hoje mais rico e mais livre do que nunca se vira nos anais da sua historia.

